INTELIGÊNCIA: COMO A RÚSSIA GRAVOU UMA CONVERSA ENTRE OFICIAIS ALEMÃES?

*Por Pierre Hardy**



O chanceler alemão, Olaf Scholz (Andreas Solaro/AFP).

Discussão confidencial entre oficiais-generais alemães foram divulgadas pela Rússia, e as condições em que ocorreu parece revelar negligência.

O caso mergulha a Alemanha no constrangimento. Berlim prometeu uma investigação no sábado, após a divulgação pela Rússia de conversas confidenciais entre vários oficiais alemães sobre possíveis entregas de armas à Ucrânia. O chanceler Olaf Scholz descreveu os fatos como "muito graves". Serão "agora objeto de uma investigação muito cuidadosa, muito minuciosa e muito rápida", assegurou ele.

Publicadas pela *RT*, depois de inicialmente terem circulado nas redes sociais, estas gravações provêm, segundo a mídia russa, de uma reunião de 19 de fevereiro. Ouvimos oficiais discutindo a possibilidade de entregar mísseis Taurus de longo alcance à Ucrânia, solicitados por Kiev, mas dos quais a Alemanha se recusa atualmente a abrir mão.

VULNERABILIDADES

A autenticidade desta conversa foi confirmada no sábado pelo Ministério da Defesa alemão, que, no entanto, declarou não poder "dizer com certeza se foram feitas alterações à versão gravada ou escrita que circula nas redes sociais".

Segundo o *The Wall Street Journal*, a reunião ocorreu através do WebEx, uma plataforma americana de videoconferência para consumidores, e não em uma rede interna segura. "A criptografia não foi ativada *a priori*, então ela pode ter sido vítima de uma intrusão", explica ao *Le Parisien* um especialista em segurança cibernética, que pediu anonimato. Esta hipótese é, segundo ele, "a mais provável", ainda que "outros pontos da cadeia de comunicação possam ser vulneráveis", sublinha.

O diário norte-americano revelou que um dos participantes se conectou à reunião através do seu telefone celular a partir de um quarto de hotel em Singapura. "O seu telefone pode ter sido infetado por um software do tipo Pegasus (*spyware*)", sugere o especialista, mas "a interceptação também pode ter ocorrido através da rede wi-fi do hotel".

"AMADORISMO TOTAL"

Seja qual for a causa, o vazamento parece revelar negligência. "Estar conectado desta forma é um amadorismo total", afirma Alain Rodier, antigo oficial superior dos serviços franceses. "Isto é ainda mais surpreendente vindo de pessoal militar, que deveria estar ciente da ameaça de espionagem."

As condições em que a reunião ocorreu alimentaram a teoria de um "vazamento deliberado". Embora considerando que esta era a hipótese "menos provável", o investigador e ex-especialista da OTAN, Edward Hunter Christie, sublinhou no *X* (ex-*Twitter*) que a gravação dava "crédito aos argumentos usados por Olaf Scholz para recusar fornecer Taurus a Ucrânia".

Berlim teme, em particular, que a entrega destas armas provoque uma escalada do conflito. Com um alcance superior a 500 km, permitiriam chegar a infraestruturas estratégicas. Na gravação, os oficiais mencionam a opção de ataques contra a ponte da Crimeia, que liga a península – anexada por Moscou em 2014 – ao território russo.

"SEMEANDO CIZÂNIA NO CAMPO OCIDENTAL"

"Todos os serviços de inteligência devem ser capazes de realizar este tipo de manobra de intoxicação, mas os alemães raramente nos habituaram a isso", indica Alain Rodier, para quem este caminho não é a "mais provável".

Ex-diretor da inteligência militar, o general Christophe Gomart também defende a tese de uma interceptação sem o conhecimento dos oficiais "que não pensavam que estavam sendo grampeados". Resta saber por que é que Moscou escolheu transmitir esta conversa, correndo o risco de causar um reforço da segurança do lado alemão. "Os russos esperam provavelmente semear cizânia no campo ocidental", responde Gomart, em um momento em que a questão das entregas de armas à Ucrânia se torna premente.

"É claramente uma questão de minar a nossa unidade (…), de semear a divisão política internamente", declarou no domingo o ministro da Defesa alemão, Boris

Pistorius. “Espero sinceramente que Putin não tenha sucesso e que continuemos unidos”, acrescentou.

Publicado no Le Parisien.

***Pierre Hardy** é jornalista formado na École de Journalisme Sciences Po e pela École 42 de Paris. Já publicou na AFP, La Croix, Le Monde, Ouest-France e Le Télégramme.*
